



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UniCEUB
FACULDADE DE TECNOLOGIA E CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
CURSO: COMUNICAÇÃO SOCIAL
HABILITAÇÃO: JORNALISMO
DISCIPLINA: MONOGRAFIA
PROFESSOR ORIENTADOR: MAGDA LÚCIO
ÁREA: COMUNICAÇÃO SOCIAL

JORNALISMO SENSACIONALISTA:
ESTUDO DO CASO DA MENINA ISABELLA NARDONI

NATHÁLIA CARDIM
RA: 20605092

Brasília/DF, novembro de 2009.

NATHÁLIA CARDIM

**JORNALISMO SENSACIONALISTA:
ESTUDO DO CASO DA MENINA ISABELLA NARDONI**

Monografia apresentada como requisito para conclusão do Curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo do UniCEUB – Centro Universitário de Brasília.

Prof.(a). Orientador (a): Magda Lúcio

Brasília/DF, novembro de 2009.

NATHÁLIA CARDIM

**JORNALISMO SENSACIONALISTA:
ESTUDO DO CASO DA MENINA ISABELLA NARDONI**

Banca Examinadora:

**Prof.(a). Magda Lúcio
Orientador (a)**

**Prof.(a). Cláudia Busato
Examinador (a)**

**Prof.(a). Mauro Castro
Examinador (a)**

Brasília/DF, novembro de 2009.

Agradeço a Deus que me conduziu nesta graduação, aos meus pais por toda a dedicação, nunca mediram esforços para que eu chegasse até aqui. Agradeço a minha família pelo incentivo. A mestre Magda Lúcio, pelo carinho e apoio. E também a todos que estiveram comigo apoiando no meu crescimento pessoal e para o término do curso de jornalismo.

RESUMO

O estudo teve como objetivo principal discutir os principais fatores que compõem o conteúdo do jornalismo sensacionalista. A imagem negativa exposta pelo sensacionalismo. O sensacionalismo na aproximação do público com o fato veiculado. A observação das possíveis consequências da cobertura sensacionalista de um fato, tendo como exemplo o caso da menina Isabella Nardoni.

Palavras chave: Sensacionalismo; Mobilização social; Isabella Nardoni.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
1. ASPECTOS DO JORNALISMO TRADICIONAL X ASPECTOS DO JORNALISMO SENSACIONALISTA.....	10
2. JORNALISMO SENSACIONALISTA E SUAS CARACTERÍSTICAS.....	14
2.1 Caracterização da abordagem sensacionalista: Morte.....	17
2.2 Caracterização da abordagem sensacionalista: Violência.....	19
2.3 Caracterização da abordagem sensacionalista: Tabus.....	20
2.4 Caracterização da abordagem sensacionalista: Sadomasoquismo.	21
3. ESTUDO DO CASO ISABELLA NARDONI.....	24
3.1 Reportagem 1 – A morte.....	26
3.2 Reportagem 2 – A violência.....	27
3.3 Reportagem 3 – A inversão de papéis.....	28
3.4 Conclusão do caso.....	29
4. CONCLUSÃO.....	30
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	32

INTRODUÇÃO

A motivação para escolha do tema ocorreu devido à curiosidade de reconhecer o motivo pelo qual a mídia televisiva trata de maneira sensacionalista as notícias. Divulgando crimes e matérias capazes de provocar euforia em toda população. A pesquisa procura encontrar e entender as circunstâncias em que o sensacionalismo ocorre, as necessidades que são atendidas por esse gênero do jornalismo. Pesquisar se o que realmente distingue o jornalismo sensacionalista do jornalismo comum é a linguagem, que é específica e remete ao inconsciente.

A escolha pelo método estudo de caso deve-se ao interesse em abordar um assunto que trata do sensacionalismo na imprensa televisiva, como o caso da menina Isabella Nardoni, de cinco anos, que caiu do sexto andar de um prédio em São Paulo e seu pai e sua madrasta são os acusados pelo crime. O estudo de caso foi escolhido de acordo com a identificação dos aspectos negativos do sensacionalismo da imprensa no Brasil. A esta modalidade jornalística estão associados crimes, e as consequências do sensacionalismo podem ser prejudiciais à sociedade.

O estudo de caso toma em consideração as significações eventualmente a sua forma e a distribuição destes conteúdos e formas. Procura conhecer aquilo que está por trás das palavras sobre as quais se debruça. A lingüística é um estudo da língua, o estudo de caso é uma busca de outras realidades através das mensagens.

Esta pesquisa faz parte do interesse geral das pessoas. É importante tanto para a sociedade, como para o cidadão e tem importância acadêmica. Pois se trata de um assunto que é vivido e compartilhado por todos no dia a dia. O interessante em termos de pesquisa é descobrir o motivo pelo qual isso acontece, se a mídia realmente tem mesmo o poder de convencimento e aceitação do público. Com que intensidade essa mobilização afeta a população.

O trabalho interessa à sociedade do ponto de vista que o público recebe informações sem conteúdo.

O poder sensacionalista que a mídia emite em suas notícias trágicas, leva pessoas a crer sem quaisquer provas concretas naquilo que lhe está sendo passado.

O estudo reside na análise do jornalismo sensacionalista, constatando esse gênero do jornalismo fraco, que noticia informações sem conteúdo, que se presta a satisfazer às necessidades instintivas do público. A pesquisa procura esclarecer que a importância do jornalismo para a população está baseada no papel de divulgar informações de valor, relevantes ao público e primando pela verdade dos fatos.

A hipótese levantada procura esclarecer o poder que a mídia televisiva tem de influenciar as pessoas. Com base no sensacionalismo feito em programas televisivos, da forma com que os veículos tratam a notícia. Tragédias que passam pelos olhos da população como simples especulações ou escândalos podem certificar que a mídia mobiliza as pessoas por meio do sensacionalismo. Hoje em dia, muitas vezes a mídia é acusada de exceder sua função de informar ao noticiar fatos, detendo-se em detalhes tidos como irrelevantes para o entendimento do que ocorreu. Considerado um abuso midiático.

A população compreende que o jornalismo sensacionalista não traz informações relevantes, apenas especulam sobre os fatos em diversos sentidos. A linguagem sensacionalista está ancorada em momentos emocionais. A abordagem freqüente de alguns crimes bárbaros fascina a população. Faz com que as pessoas não consigam se conter diante uma matéria sensacionalista. A curiosidade toma conta. E os crimes noticiados podem ser capazes de impulsionar lutas sociais provenientes de ações populares, pressionando o poder a tomar soluções do caso e a punir os culpados.

Este trabalho foi dividido em três capítulos. O primeiro teve como objetivo definir os aspectos do jornalismo tradicional versus os aspectos do jornalismo sensacionalista. O capítulo dois resgata as características do jornalismo sensacionalista. Enfatizando as abordagens desse gênero jornalístico. Já o capítulo seguinte aborda o caso da menina Isabella Nardoni, um fato noticiado pelo Jornal Nacional de maneira sensacionalista que mobilizou toda a sociedade.

Por fim, a conclusão, que apresenta as considerações finais do trabalho. O método utilizado teve fundamentação em pesquisas bibliográficas e estudo de caso que abordam o objeto que esta sendo analisando.

1. ASPECTOS DO JORNALISMO TRADICIONAL X ASPECTOS DO JORNALISMO SENSACIONALISTA

A prática do jornalismo é importante por fornecer relatos dos acontecimentos julgados significativos e interessantes. Existem várias teorias da notícia. A forma como o conteúdo de uma notícia é passada depende da sua teoria. Para entender a diferença das teorias da notícia, basta perceber como apresentam as complexidades, oferecem diversas explicações, para um mesmo fato noticiado.

O poder do jornalismo oferece a principal ligação entre os acontecimentos no mundo e as imagens que as pessoas têm na cabeça acerca desses acontecimentos.

O jornalismo pode não dizer às pessoas como pensar sobre os assuntos, mas são bem sucedidos ao dizer no que pensar. E é a maneira de se noticiar um fato, que diz respeito se o jornalismo está sendo sensacionalista ou não.

Sobre o jornalismo, é indubitavelmente claro que não é possível compreender as notícias sem uma compreensão da cultura dos profissionais que dedicam as suas horas e, às vezes, as suas vidas, a esta atividade. (TRAQUINA, 2005, p. 14).

A compreensão das notícias implica um conhecimento da cultura jornalística.

Primeiro, serão as notícias “orientadas para o acontecimento”, ao invés de “orientadas para o tema”, como sugerem fortemente inúmeros estudos do jornalismo? Em segundo lugar, será a proximidade, seja ela geográfica ou cultural, um fator determinante nas seleções do que é ou não notícia? Em terceiro lugar, serão as notícias orientadas principalmente para as “fontes oficiais”, com pouco espaço para as vozes alternativas na sociedade? (TRAQUINA, 2005, p. 14).

As notícias influenciam naquilo em que as pessoas pensam. O jornalismo em si, não só diz no que pensar, mas também como pensar nisso, e conseqüentemente, o que pensar.

Notícia é um relato altamente selecionado da realidade. O mundo oferecido aos leitores e espectadores é uma imagem refratada que passa através de uma forma de ver, os valores-notícia da comunidade jornalística,

tais como o novo, o fora de uso, o sensacional e o controverso. (apud TRAQUINA, 2005, p. 25).

Para Virginia Pradelina da Silveira Fonseca, o que chama a atenção é a importância do jornalismo como prática social das mais importantes no processo da formação da opinião pública, uma vez que é na representação da realidade social e na sua análise que a discussão sobre os gêneros adquire sentido. (apud MENEZES, 2003, p.33).

A diferença existente entre o jornalismo tradicional e o jornalismo sensacionalista está na transmissão da informação. O propósito é compreender como a linguagem adequada para cada gênero jornalístico acaba diferenciando o modo de produção das matérias.

Gêneros jornalísticos são as modalidades de relato dos acontecimentos que compõem a realidade social de onde os jornalistas recortam aqueles que, pelos seus valores-notícia, adquirem existência pública.

O tipo de linguagem adotada para cada modalidade jornalística está representada por signo e clichê.

De acordo com Angrimani (1995), o signo, portanto, é uma representação neutralizada de ações (elas seriam terríveis de outra maneira) é um encaixe perfeito para a necessidade humana de distanciar-se dessas ações. Faz eliminar ou rebater tudo o que é desagradável e que mexe com seus problemas recalcados.

Segundo o professor Ciro Marcondes Filho, em síntese, o signo representa qualquer fato social, pessoas, objetos, situações e acontecimentos, o mundo real, sem ferir ninguém, pois tudo já vem 'domesticado'. Os signos filtram as desgraças, os problemas, as dores reais e, através disso, fazem com que os telespectadores convivam mais naturalmente com a miséria. (apud ANGRIMANI, 1995, p. 37).

O clichê retrata o emocional, que busca insistentemente uma saída para a consciência, caracterizada pela forma repetitiva de agir (...). É também característica do clichê que essas imagens de felicidade, de agressividade, com as quais o receptor se identifica, não se aproximem da experiência real vivida pelas pessoas. (ANGRIMANI, 1995, p. 38).

Os mídia, quando querem ser sensacionalistas, não podem atuar de forma sónica. A linguagem editorial sensacionalista é

a do clichê. O sensacionalismo não admite distanciamento, neutralidade, mas busca o envolvimento, busca “romper o escudo contra as emoções fortes” É preciso chocar o público. Fazer com que as pessoas se entreguem às emoções e vivam com os personagens. A linguagem editorial precisa ser chocante e causar impacto. O sensacionalismo não admite moderação. (apud ANGRIMANI, 1995, p. 40).

Na televisão, a edição de um jornal sensacionalista não pode ser a mesma de um jornal analítico-informativo, para Angrimani (1995). Há necessidade de mostrar justamente o que o outro não mostra. O repórter tem que provocar emoção, precisa narrar a notícia em tom dramático. A edição não pode cortar a imagem da mãe que chora desesperada a morte de seu filho. Ao contrário, deve, de preferência, mostrar o cadáver, ou o sangue no chão (se a reportagem tiver chegado tarde).

O sensacionalismo é basicamente uma forma diferente de passar uma informação, uma opção, uma estratégia dos meios de comunicação. Mesmo um telejornal não sensacionalista pode ter alguns momentos de sua produção momentos sensacionalistas. É como acontece com muitos fatos ocorridos hoje. Jornais que às vezes não são sensacionalistas dão uma cobertura tão chocante a um fato que acaba por ter o momento sensacionalista.

Um telejornal não-sensacionalista pode mostrar imagens dramáticas que emocionem as pessoas. Por exemplo, quando a polícia resgata uma criança seqüestrada e ela corre para ser abraçada por seus pais, depois do abraço emocionado, a família chora e diz algumas palavras para os repórteres. É uma imagem forte, de impacto emocional garantido. Clichê de felicidade familiar. Mas para essa história ser utilizada de forma sensacionalista é preciso que seja editada e relatada, reforçando constantemente os clichês, que apareçam o tempo todo envolvendo a edição e não apenas em fragmentos. O telejornal sensacionalista não pode ter equilíbrio entre o signo e o clichê. A apresentação deve ser chocante, exigindo o envolvimento emocional do público. (ANGRIMANI, 1995, P. 41).

Trata-se de um estilo, o telespectador precisa de senso crítico para entender quando ocorre a mudança da linguagem objetiva, para a sensacionalista. Nessa transposição de linguagem é que pode ocorrer o sensacionalismo.

Ainda dentro do ponto de vista jornalístico, a linguagem sensacionalista não pode ser sofisticada, nem o estilo elegante. A linguagem utilizada é a coloquial, não aquela que os jornais informativos comuns empregam, mas a coloquial exagerada, com emprego excessivo de gíria e palavrões.

É na exploração das perversões, fantasias, na descarga de recalques e instintos sádico que o sensacionalismo se instala e mexe com as pessoas. É no tratamento antianódino da notícia, quase sempre embalada em um caleidoscópio perverso, que o sensacionalismo se destaca dos informativos comuns. (ANGRIMANI, 1995, p. 17).

A partir do início do século XX, já se sabia que quem ousasse seguir a via sensacionalista entraria em rota de colisão com a credibilidade.

2. JORNALISMO SENSACIONALISTA E SUAS CARACTERÍSTICAS

O jornalismo considerado sensacionalista está tomando cada vez mais espaço na mídia, apresentando casos tristes e dramáticos capazes de afetar emocionalmente as pessoas, uma vez que o fato é apenas noticiado, é repassado a população, é diferente de dar ênfase, insistir em uma cobertura que certamente acaba influenciando a opinião pública. Hoje, é difícil encontrar veículos de comunicação que não tratem a notícia, em diversas matérias, de maneira sensacionalista. O termo sensacionalista é definido como o uso do sensacionalismo na notícia, no jornal. Sensacionalismo significa divulgação e exploração de matéria capaz de emocionar ou escandalizar.

O sensacionalismo utiliza-se de *fait divers*, termo francês que designa a notícia do dia (crimes, roubos, acontecimentos extraordinários). É mostrado como notícias variadas, que têm importância circunstancial, se constitui a principal fonte de “alimentação” do noticiário sensacionalista. (ANGRIMANI, 1995, p. 11).

A lógica dos *fait divers* implica em “diabolizar” o adversário, relativizar os desmandos dos aliados e faturar com tudo o que não produza fricção. (SILVA, 2000, p.38).

Há autores que confundem *fait divers* com sensacionalismo. Monestier, por exemplo, não vê diferença entre a forma narrativa e a notícia. Assim, ele afirma que o *fait divers* “não pretende chegar à inteligência do leitor, mas lhe provocar reações subjetivas e passionais”. E ainda: “para apossar-se da intimidade de sua consciência, a notícia deve, por todos os artifícios, abolir a distância que separa o leitor do acontecimento. Toda a arte consiste em dar ao público a ilusão de que ele é participante da ação (...) Dentro da visão do *fait divers*, a neutralidade não é possível”. Na realidade, Monestier não está falando de *fait divers*, mas de sensacionalismo. (apud ANGRIMANI, 1995, p. 30).

O sensacionalismo na comunicação se deve a um fato que produz sensação intensa, que desperta entusiasmo. Vale lembrar que o sensacionalismo que a mídia faz hoje é uma divulgação e exploração de matérias chocantes, escândalos.

Por ser totalitário, o termo leva à imprecisão. O leitor (o telespectador, o ouvinte) entende sensacionalismo como uma palavra-chave que remete a todas as situações em que o meio de comunicação, no entender dele, tenha cometido um deslize

informativo, exagerado na coleta de dados (desequilibrando o noticiário), publicado uma foto ousada, ou enveredado por uma linha editorial mais inquisitiva. (ANGRIMANI, 1995, p.13).

Veículos tachados como sensacionalistas, significam muitas vezes, que não têm credibilidade, assim como cita Danilo Angrimani:

Na abrangência de seu emprego, sensacionalista é confundido não só com qualificativos editoriais como audácia, irreverência, questionamento, mas também com imprecisão, erro na apuração, distorção, deturpação, editorial agressivo – que são acontecimentos isolados e que podem ocorrer dentro de um jornal informativo comum. (ANGRIMANI, 1995, p. 14).

Para que o jornalismo chamado sensacionalista se caracterize melhor Danilo Angrimani cita Mott: “sem discutir a questão da morbidez e da imoralidade envolvidas, o termo sensacionalismo poderá ser usado para o tratamento particular que um jornal dá a crimes, desastres, sexo, escândalos e monstrosidades”. (ANGRIMANI, 1995, p. 14).

Danilo Angrimani cita também, Pedroso, que define esse gênero de jornalismo como:

Modo de produção discursivo da informação de atualidade, processado por critérios de intensificação e exagero gráfico, temático, lingüístico e semântico, contendo em si valores e elementos desproporcionais, destacados, acrescentados ou subtraídos no contexto de representação ou reprodução de real social. (ANGRIMANI, 1995, p. 14).

A mídia vende o que o cliente deseja e cada vez mais se afasta de preocupações formadoras. Em princípio, a pluralidade dos meios corrigiria esse efeito perverso. Entretanto, a coincidência entre os imaginários dos empresários e dos jornalistas faz com que a diversidade se converta, aos poucos, em mero discurso sobre o inexistente. (SILVA, 2000, p. 39).

O jornalismo sensacionalista tem a intenção de atingir o público. Invade o cotidiano da sociedade. Mobiliza toda população apresentando casos espetaculares, como o caso da Lady Diane, por exemplo.

Para Angrimani o sensacionalismo busca no extraordinário do *fait divers* o elemento crucial da manchete de capa.

Segundo Auclair, “O *fait divers*, como informação auto-suficiente, traz em sua estrutura imanente uma carga suficiente de interesse humano, curiosidade, fantasia, impacto, raridade, humor, espetáculo, para causar uma tênue sensação de algo vivido no crime, no sexo e na morte. Consequentemente

provoca impressões, efeitos e imagens (que estão comprimidas nas formas de valorização gráfica, visual, espacial e discursiva do fato-sensação). A intenção de produzir o efeito de sensacionalismo no *fait divers* visa atrair o leitor pelo olhar na manchete que anuncia um acontecimento produzido, jornalística ou discursivamente, para ser consumido ou reconhecido como espetacular, perigoso, extravagante, insólito, por isso, atraente”. (apud ANGRIMANI, 1995, p. 26).

Um produto destinado ao consumo de massa , quando aceito e reconhecido pela população, não se exige um questionamento, uma verificação.

O termo inconsciente é utilizado aqui no sentido de que as pessoas que participam da elaboração de um jornal sensacionalista, embora saibam que estão fazendo um produto específico, diferente do informativo comum, com apelos e linguagem característica, não percebem as implicações psíquicas ali envolvidas. (ANGRIMANI, 1995, p. 50).

Jornais sensacionalistas transformam os seus interesses em assunto de capa. Notícias de mortes pesadas, estupros, assassinatos, suicídios, sempre ganham destaque. Segundo Angrimani (1995), poucos gostam de falar sobre a morte, mas ela é presença obrigatória nos veículos informativos e, além disso, estímulo de venda para o jornal sensacionalista.

É certo que o jornal torna sensacional o *fait divers*, que vai merecer um registro de duas ou três linhas no informativo comum. É certo que essa prática traduz o sentido do termo “sensacionalista” ao colocar uma “lente de aumento” sobre o fato não necessariamente sensacional. Mas ao fazer esse movimento, ao valorizar a notícia que traduz um fato violento, o jornal sensacionalista está apenas atendendo a um desejo específico de seu público. (ANGRIMANI, 1995, p. 57).

No jornal sensacionalista a violência faz parte da linguagem e da forma de edição.

O sensacionalismo torna um fato jornalístico como um escândalo, algo que certas vezes tomam grandes proporções que não deveriam tomar. Danilo Angrimani em *Espreme Que Sai Sangue*: “sensacionalismo é a produção de noticiário que extrapola o real, que superdimensiona o fato. Em casos mais específicos, inexistente a relação com qualquer fato e a “notícia” é elaborada como mero exercício ficcional”. (ANGRIMANI, 1995, p. 16).

2.1 Caracterização da abordagem sensacionalista: Morte

A abordagem sensacionalista difere da abordagem tradicional por explorar de maneira absoluta uma tragédia acontecida. Tornar um fato de uma maneira que não deveria ocorrer. Tragédias e sofrimentos de pessoas que passam por perdas não deveriam ser explorados do jeito que o jornalismo sensacionalista explora.

Segundo Angrimani (1995), o jornal sensacionalista difere dos outros informativos por uma série de motivos específicos, entre os quais a valorização editorial da violência. O assassinato, o suicídio, o estupro, a briga, as situações conflitantes, as diversas formas de agressão sexual, tortura e intimidação ganham destaque e merecem ser noticiadas no jornal a sensação. A prática sensacionalista relata a notícia de forma espetacular, enfatizando elementos contundentes que compõem o conteúdo do fato.

Falar sobre a morte não é tarefa fácil e exige preparo e disposição emocionais. (ANGRIMANI, 1995, p. 53).

O jornal sensacionalista transforma a morte em seu assunto de capa, como se rendesse um culto diário e fetichizado à morte. Como explicar essa dicotomia? Poucos gostam de falar sobre a morte, mas ela é presença obrigatória nos veículos informativos e, além disso, estímulo de venda para o jornal sensacionalista. (ANGRIMANI, 1995, p. 53).

Marcondes Filho (*apud* ANGRIMANI, 1995, p. 15), descreve a prática sensacionalista como nutriente psíquico. A imprensa sensacionalista não se presta a informar, muito menos a formar. Presta-se básica e fundamentalmente a satisfazer as necessidades instintivas do público, por meio de formas sádica, caluniadora e ridicularizadora das pessoas.

Os jornais sensacionalistas exibem a morte como objeto de fascínio. Ainda assim essa manifesta atração pela morte não deixa de ser embaraçosa e a forma sempre recalcitrante dos jornais “sóbrios”, tratarem o tema (publicação ou não de determinada foto de um cadáver, ou acidente, ou paciente terminal), mostra como é difícil a relação do triângulo morte – jornal – leitor. (ANGRIMANI, 1995, p. 54).

Deve-se dizer que tanto o leitor do jornal “sóbrio”, quanto aquele que prefere o sensacionalismo, se interessa pelo crime, pelo rapto, pelo acidente, pela catástrofe. O que vai fazer com que o mercado se divida e haja um público exclusivo para o

veículo sensacionalista é a linguagem, a linguagem editorial, que é a forma de se destacar uma foto, tornar o texto mais atraente, enfim, a busca de um equilíbrio entre ilustração e texto, além da preferência por matérias originadas de *fait divers*. (ANGRIMANI, 1995, p. 54).

2.2 Caracterização da abordagem sensacionalista: Violência

Uma das críticas mais comuns, que se faz contra os jornais sensacionalistas, deduz que esse gênero de imprensa apanha um acontecimento parcial e cotidiano, amplia-o, e assim estaria colaborando para a reprodução da violência. (ANGRIMANI, 1995, p. 57).

Qualquer dedução que dê a entender que o jornal sensacionalista é violento, enquanto os demais informativos são não-violentos, é incorreta. Nos jornais não-sensacionalistas, há sempre uma carga intensa de violência que não se revela, que não se escancara com a mesma intensidade encontrada nos jornais a sensação. Essa violência pode ser detectada na crítica ferina, no editorial agressivo, no artigo emocional, na foto marcante, na reportagem denunciadora. Mas é uma violência “disfarçada”, “ilegível” na forma editorial, enquanto que no jornal sensacionalista a violência faz parte da linguagem e da forma de edição. (ANGRIMANI, 1995, p. 57).

A abordagem da violência, de crimes cruéis, cumpre a função social da televisão de exibir o que é certo ou errado expondo exagero que acaba movendo a massa telespectadora em torno dessa questão. Muitas vezes o fato noticiado pela mídia se torna pauta de discussão do público. A participação eficaz dos espectadores pode ser vista em ações efetivas. A população se mobiliza em torno de saber o que e como ocorreu quem são os culpados, quem são as vítimas, o que deve acontecer, entre outros.

Cada público, portanto, de acordo com a sua medida de sofisticação, aceita (ou exige) formas diversas que sejam uma projeção de sua violência. Essa descarga de pulsões agressivas é uma hipótese que vai no sentido contrário àquela que reputava aos mídia o papel de impulsionadores da violência. O que está se sugerindo aqui é que, ao invés de ser estímulo à ação hostil, o meio parece atuar na via oposta. (ANGRIMANI, 1995, p. 57).

2.3 Caracterização da abordagem sensacionalista: Tabus

Tabu é definido por Cazeneuve como uma “proibição que não se justifica racionalmente, mas que é regra num grupo social dado”. (apud ANGRIMANI, 1995, p. 60).

Cazeneuve, quando discorre sobre a violação de um tabu, fala que a indignação pública se ergue contra aquele que viola um tabu de fato; “um indivíduo que viola um tabu é ele mesmo um símbolo numinoso, ele é impuro e seu contato é perigoso”. Referindo-se a grupos primitivos (utiliza-se este termo por falta de outro melhor), Cazeneuve mostra que a violação de um tabu se relaciona a uma desgraça que se avizinha, “destrói um equilíbrio e passa a ameaçar toda a sociedade”, indicando que é “tabu aquele que viola o tabu, aquele que toca os símbolos. Finalmente, pouco importa a razão que levou a instituir a proibição. A regra é suficiente a si mesma e (...) tudo que a ameaça se torna uma ameaça à estabilidade da condição humana”. (apud ANGRIMANI, 1995, p. 60).

O sensacionalismo é caracterizado por passar ao público a notícia da forma como as pessoas querem ver, na visão de Juremir Machado da Silva (2000), essa estratégia cínica de “dar ao público o que ele quer” esconde, como se sabe, a impossibilidade desse público de escolher outra coisa. Em síntese, ele é formado para escolher o que escolhe. Neste sentido, a sociedade, em sua totalidade, é responsável por esse sistema que impede a formação de cidadãos. A estética da aberração e a hegemonia do vulgar implicam justamente a desconstrução do cidadão em favor do consumidor.

A novidade é a transformação da anatomia em mercadoria altamente lucrativa Nada a contestar na medida em que nenhuma das partes interessadas sente-se prejudicada. Já não se trata de uma questão comercial entre particulares, mas de um assunto de sociedade que revela muito sobre o imaginário cultural e midiático do Brasil contemporâneo. (SILVA, 2000, p. 59).

Os analistas do cotidiano surpreendem-se, indevidamente, com as consequências lógicas de certos fenômenos sociais. Nas últimas décadas, o universo midiático acentuou a estética da aberração, representada pelo privilégio dado ao pitoresco e aos *faits divers*. Estes podem ser vistos como o primeiro nível da deformidade. De tanto realçar o caráter diferencial do excêntrico, do extravagante e do banal transformando em novidade, a mídia gerou condições para a hegemonia do vulgar. (SILVA, 2000, p. 58).

2.4 Caracterização da abordagem sensacionalista: Sadomasoquismo

O sensacionalismo está intimamente ligado ao homicídio, à morte e ao sangue derramado. O sangue representa simbolicamente esse gênero de imprensa. Segundo Angrimani (1995), por ter esse excesso de fotos de cadáveres, notícias de mortes e assassinatos, o jornal ficaria “embebido” pelo seu conteúdo.

O jornalismo sensacionalista, pela maneira própria de engendramento discursivo, estrutura, representa e permite o acesso ao mundo da liberdade pela exploração dos temas agressivos, homicidas e aventureiros, que não podendo realizar-se na vida cotidiana submetido às leis e à censura, tendem a realizar-se projetivamente, na leitura. (ANGRIMANI, 1995, p. 79).

O que se pode dizer com respeito à equação sadomasoquismo/ sensacionalismo é que ela aparece nas formas narrativas, provocando reações afins no leitor. O jornal sensacionalista trabalha com formas explícitas de sadomasoquismo, como a mulher espancadora, a mulher cruel, mas também utiliza recursos menos evidentes, derivados de fantasias correlatas. Há no propósito editorial sensacionalista uma descarga sádica, uma violência, um prazer na destruição, que provoca reações semelhantes no leitor. O *fait divers* se encaixa como fantasia substitutiva, cabendo à linguagem-clichê completar o circuito e permitir as descargas propostas, segundo o objetivo editorial sensacional. (ANGRIMANI, 1995, p. 77).

A imprensa sensacionalista abusa da exibição. Apresenta como manchetes e estampam em suas capas a nudez e ainda trabalham com formas explícitas de sadomasoquismo.

O jornal se torna sensacional ao colocar uma “lente de aumento” sobre os fatos que não são necessariamente sensacionais. Mas ao fazer esse movimento, ao valorizar a notícia que traduz um fato violento, o jornal sensacionalista está apenas atendendo ao desejo do seu público, afirma Angrimani (1995).

A classificação sensacionalista dada aos jornais está ligada aos jornais que exibem a cobertura de casos violentos, tristes, entre outros. O fato que se torna sensacional, é exibido em todos os jornais, sendo que os jornais que tem credibilidade, os considerados jornais sérios, abordam a notícia de

maneira diferente. Assim sendo, o sensacionalismo ocorre em diversos veículos da comunicação, a diferença está muitas vezes na intensidade e na forma com que a matéria é passada para a sociedade.

Para Márcia Franz Amaral (2006), as notícias da imprensa sensacionalista sentimentalizam as questões sociais, criam penalização no lugar de descontentamento e constituem-se num mecanismo reducionista que particulariza os fenômenos sociais.

“Sensacionalismo é o grau mais radical de mercantilização da informação”. (AMARAL, 2006, p. 20).

Para Ciro Marcondes Filho, a informação é sensacionalista para vender mais jornal e se localiza na esfera do lazer, como contraposição à opressão social do trabalho. Além disso, a imprensa sensacionalista repete o modelo clássico liberal de informação com suas técnicas de manipulação. (apud AMARAL, 2006, p. 20).

O sensacionalismo exhibe uma abordagem violenta de crimes bárbaros, mas caso contrário, se não fosse o modo sensacional de se noticiar, um ocorrido grave passaria como se fosse algo comum que não devesse se destacar.

A linguagem sensacionalista é uma linguagem simples, pesada. É uma linguagem coloquial que sabe falar com o seu leitor, com o seu telespectador, basta falar para que a população entenda. Envolve emocionalmente o público. É definida como linguagem “clichê”.

Para Angrimani (1995), Na busca pelo espetáculo, o jornalismo sensacionalista, tem uma parte, raramente assumida, de responsabilidade na transformação da notoriedade entre a população e a massa acaba se sentindo atraída por essa comunicação. Com o surgimento da era da informação a maioria da população brasileira continua desinformada e manipulada, a ideologia do espetáculo parece ter vencido.

O sensacionalismo é mais importante pelo conteúdo significativo (latente) do que sua revelação como significado. Usando o teatro como metáfora, pode-se dizer que no jornal sensacionalista o mais importante não está acontecendo no palco, mas nos bastidores, que é onde se desenrola a trama principal. No palco, sob as luzes estão os atores figurantes, substituídos continuamente. Os personagens principais não aparecem nunca. O público não os vê. Mas eles existem, estão atrás do cenário e o próximo capítulo vai tentar revirar o palco,

tirando de cena os figurantes e jogando toda a luz sobre os protagonistas, ocultos e protegidos pela sombra dos bastidores. (ANGRIMANI, 1995, p. 95).

O processo de produção sensacionalista é ainda feito de forma instintiva e inconsciente. O termo instintivo aqui tem o sentido de ação não totalmente racionalizada pelo sujeito. O jornalista sabe como fazer para que a linguagem se torne sensacionalista, mas nem sempre tem plena consciência de todo o conjunto de mecanismos que correm por trás da cena principal. (ANGRIMANI, 1995, p. 95).

3. ESTUDO DO CASO ISABELLA NARDONI

O caso da menina Isabella Nardoni, nos traz indícios de uma abordagem sensacionalista. O crime é considerado, de acordo com a literatura, um *fait d'iver*, já que a criança foi jogada para fora da janela do apartamento em que morava.

A história da menina Isabella Nardoni, de cinco anos, que caiu do sexto andar de um prédio em São Paulo e seu pai e sua madrasta são os acusados pelo crime, é um caso que chocou toda a população e a mobilizou ao redor disso.

A menina caiu de um prédio na Zona Norte de São Paulo, no dia 29 de março de 2008. A história se resume, quando seu pai, Alexandre Nardoni, conta que chegou da casa da sogra com a família e subiu só com Isabella. Diz que levou a menina até o quarto dela e ligou o abajur. Depois trancou a porta do apartamento e voltou à garagem, para ajudar a mulher, Anna Carolina Jatobá, madrasta de Isabella, a subir com os outros dois filhos. Afirma ainda que, quando voltou ao apartamento, viu a tela de proteção da janela rompida e a filha no jardim.

O pai, Alexandre Nardoni, e a madrasta, Anna Carolina Jatobá foram à delegacia e acusaram uma terceira pessoa – que eles não sabiam quem era – de jogar a criança do edifício. O caso foi manchete dos principais veículos do país e do Jornal Nacional.

Os médicos legistas analisam o corpo e encontram ferimentos que podem ter sido feitos antes da queda.

No dia 31 de março de 2008, dia em que o corpo da criança foi enterrado, os legistas coletaram provas que seriam utilizadas para investigar o caso. No dia seguinte começaram a aparecer as divergências. A prisão temporária do casal Nardoni foi decretada pela Justiça depois que a polícia ouviu o depoimento da mãe de Isabella, Ana Carolina Oliveira.

O casal teve a prisão preventiva decretada e se entregou à polícia, mas foi solto pouco tempo depois. Com a realização de mais uma perícia pouco tempo depois, Alexandre Nardoni e Anna Carolina Jatobá voltaram a ser presos

A repercussão que o caso teve na sociedade foi enorme, por conta da cobertura freqüente da mídia, da crueldade do crime e dos apelos sensacionalistas do próprio caso. O assassinato de uma criança em que podem estar envolvidos o pai e a madrasta da menina.

As mídias abordaram diariamente e constantemente o caso, desde o crime até o julgamento dos acusados, informando as notícias de forma detalhada, o passo a passo do processo jurídico que envolveu os suspeitos, e entrevistas com Ana Carolina Oliveira, mãe de Isabella e outros familiares.

A abordagem do caso pode ser considerada sensacionalista, a partir do momento em que atinge o público. Sensacionalismo significa divulgação e exploração de matéria capaz de emocionar ou escandalizar. Abordagem capaz de despertar e dirigir a atenção de uma cidadania inteira até então indiferente para alguns casos semelhantes já ocorridos. Manifestações revelaram a sensibilização por parte da população, que pediram justiça protestaram além de homenagens feitas à pequena Isabella contra a violência.

A sociedade, a partir do momento em que é envolvida por meio das imagens e reportagens apresentadas nos meios de comunicação é instada a opinar, protestar e usualmente buscar uma explicação para esse tipo de violência. Um caso como este além de chocar toda a população, causa também comoção. A reivindicação de punição exemplar para os culpados e depoimentos que exigem o fim da violência, são demandados pela própria população.

O material com as reportagens referentes ao caso Isabella Nardoni, foram analisados por meio do portal do Jornal Nacional na internet (<http://jornalnacional.globo.com>). O site disponibiliza vídeos e textos referentes às reportagens exibidas diariamente pelo telejornal.

3.1 Reportagem 1 – A morte:

O Jornal Nacional, exibido pela TV globo abordou a morte da menina de forma sensacionalista.

Na segunda-feira, dia 31 de março de 2008, a primeira matéria sobre o caso Isabella Nardoni foi exibida.

A reportagem teve duração de 2'28". A abordagem da morte de Isabella se tornou manchete diariamente no telejornal. A morte da pequena menina foi passada pela emissora de maneira fria. O jornalismo sensacionalista prestava-se basicamente a satisfazer as necessidades do público. Noticiaram aquilo que a população queria ver. O enterro de Isabella. A tristeza dos parentes, o sofrimento da mãe da criança. O depoimento de seu pai e sua madrasta, que eram acusados de cometerem o crime.

A mesma reportagem também trouxe a hipótese de que uma terceira pessoa, teria entrado no apartamento e jogado a criança da janela de seu quarto. Assim como Alexandre Nardoni, pai de Isabella levantou a possibilidade. Mas só quando os peritos entraram no apartamento perceberam que a menina havia sido jogada da janela do outro quarto, do quarto dos irmãos de Isabella, e não do dela.

Os policiais também encontraram vestígio de sangue entre os quartos do apartamento e a porta da sala.

A tela de proteção do quarto da menina havia sido cortada e o retalho estava no apartamento.

Um vizinho do prédio de onde a menina caiu, disse a polícia que ouviu gritos quando a família chegou. O telejornal noticiou ainda que o depoimento de uma testemunha que poderia esclarecer o crime estava sendo mantido em sigilo pela polícia. Aguçando ainda mais a curiosidade da população inteira. Falar sobre morte não é fácil, mas para o jornalismo sensacionalista, isso se deve fazer assim, explicitamente. Sem preparo e disposição emocional.

3.2 Reportagem 2 – A violência:

A segunda matéria sobre o caso Isabella no Jornal Nacional, aconteceu na terça-feira, dia 01 de abril de 2008. A reportagem teve duração de 2'28". A violência que ocorreu no caso Isabella foi exibida pelo telejornal expondo exagero e mobilizando a população.

A reportagem trouxe a notícia que a polícia de São Paulo já ouvia naquela terça-feira o depoimento de mais seis pessoas para tentar esclarecer a morte da menina Isabella.

Quando os bombeiros chegaram ao lugar do crime, encontraram a menina ainda viva. Ela tinha sofrido uma parada cardíaca. Houve uma tentativa de reanimação, mas Isabella foi colocada na ambulância e morreu a caminho do hospital.

A polícia ouviu naquela terça-feira, três moradores do prédio, dois ex-vizinhos do casal e o primeiro policial que chegou ao local do acontecimento.

Dois depoimentos, feito por duas testemunhas que disseram ter ouvido gritos, provocaram interpretações diferentes do delegado e dos advogados da família.

Essa mesma declaração de duas pessoas diferentes, dizia que ouviram gritos de uma criança que dizia: “pára pai. Pára pai”.

O que foi interpretado é que não se sabe ao certo se a voz era da criança que morreu, mas que a possibilidade não seria descartada, pois uma criança que está numa situação de risco não falaria pára e chamaria pelo pai: “pára pai”.

A violência ocorrida á Isabella, depois que os médicos legistas descobriram que ela havia sido violentada antes de ser jogada da janela do prédio, foi passada em forma de simulações pelo telejornal.

3.3 Reportagem 3 – A inversão de papéis:

A terceira reportagem sobre a morte da menina foi na quarta-feira, dia 02 de abril de 2008. A matéria teve duração de 2'57". A reportagem exibida na quarta-feira trouxe a notícia da prisão temporária do casal Nardoni.

O pedido de prisão temporária foi encaminhado ao Tribunal de Justiça por dois delegados. Ambos achavam que o pai e a madrasta da menina estavam envolvidos no crime que chocou a população.

Ainda na reportagem o Jornal Nacional noticiou que um vizinho contou o que viu e ouviu na noite do acidente. Disse que ouviu um grande barulho, um impacto e que depois ouviu a madrasta de Isabella gritando, pedindo por socorro.

Já um outro vizinho também disse que ao descer para ver o que havia acontecido, viu a madrasta desesperada, parecia transtornada, e que Alexandre Nardoni não saía do lado de Isabella, se mostrou preocupado com a criança e passava a mão carinhosamente nela.

O jornal noticiou ainda que naquele dia a mãe de Isabella, Ana Carolina Oliveira, esteve na delegacia e prestou depoimento sobre o relacionamento que teve com Alexandre Nardoni e também do relacionamento do pai com a filha Isabella.

Neste dia também começava uma perícia mais detalhada no apartamento de onde a menina caiu. Aparelhos sofisticados foram usados para detectar vestígios de sangue.

A reportagem trazia características da abordagem sensacionalista. A violação de um tabu é relacionado a uma desgraça. É a destruição que não se justifica, a quebra de um equilíbrio que já estava traçado pelas pessoas em suas cabeças.

Para a população é inadmissível uma criança ser jogada pela janela do apartamento em que mora, e os supostos autores do crime, ser o pai e a madrasta, afinal o papel dos pais é cuidar de seus filhos e não matar. Está havendo uma inversão de papéis.

3.4 Conclusão do caso:

A imprensa sensacionalista apanha um acontecimento parcial e amplia-o. Procura construir o que aconteceu, no entanto, exacerba por meio da repetição os detalhes do caso para induzir uma comoção e uma ira em toda a audiência.

Abusam da exibição. É como se tivessem colocado uma lente de aumento sobre os fatos do acidente. Assim sendo as notícias passadas pela imprensa sentimentalizaram as questões sociais. Manipularam a sociedade, que esperava ansiosamente as novas notícias do caso a cada dia que começava.

A mobilização da população se dava pelas manifestações que foram feitas ao longo de todo o processo de verificação dos fatos. A população inteira se prestava a assistir e a se manifestar em torno do assunto. Grupos se aglomeravam ao redor da delegacia onde o crime estava sendo investigado, no cemitério, na casa de Isabella Nardoni.

A cobertura do caso se tornou enorme. A cobertura jornalística tinha repórter espalhado por toda a cidade de São Paulo onde havia parentes e onde aconteciam todas as investigações do caso da menina.

O fato noticiado explicitamente, como à abordagem da violência, da morte e do sofrimento no caso, é um processo de produção sensacionalista feito instintivamente pelos veículos de comunicação. O jornal noticiou tudo àquilo que a população queria ver no momento. O termo instintivo se deve ao sentido de ação não totalmente racionalizada pelos jornais. Os jornais sabem como fazer para chamar a atenção da população. O jornal sensacionalista tem como objetivo chamar a atenção de todos, produzindo a sensação intensa nas pessoas. Capazes de emocionar e escandalizar toda a sociedade.

4. CONCLUSÃO

O trabalho realizado procurou demonstrar que o jornalismo tem a responsabilidade de informar e formar a população sobre um determinado assunto, no entanto, o jornalismo sensacionalista por sua vez, atinge grande parte do público por sua forma de apuração dos fatos feita de modo superficial e espetacular. A prática do jornalismo sensacionalista hoje é um grande espetáculo e vai muito além do jogo de imagens.

Esse estudo abordou o jornalismo tradicional versus o jornalismo sensacionalista, trouxe as características relevantes do jornalismo sensacionalista por meio do estudo do caso da menina Isabella Nardoni no Jornal Nacional.

Baseando-se nas definições das características do jornalismo sensacionalista, a pesquisa mostra que esse gênero do jornalismo é capaz de atingir emocionalmente a população. Mobilizando as pessoas ao redor de um fato noticiado.

A linguagem sensacionalista utilizada pelos jornais remete as pessoas entre o real e o imaginário. O *fait divers*, elemento presente do jornalismo sensacionalista, explora o extraordinário, fugindo do limite do que é real e invadindo o pensamento da sociedade.

A análise crítica evidenciou que o jornalismo sensacionalista tem como objetivo despertar o imaginário e o emocional da população. A combinação da linguagem clichê e das fotos em que se evidenciam a morte, o sangue e a violência, trabalha o lado apelativo das notícias.

Este trabalho de conclusão de curso teve como objetivo, mostrar o descaso do jornalismo sensacionalista, abordando um dos acontecimentos com maior repercussão na mídia no ano de 2008: o caso Isabella Nardoni.

Com esse estudo, conclui-se que o sensacionalismo tornou-se um objeto de produção e consumo. Quanto mais as pessoas assistem a reportagens sensacionalistas e se mobilizam ao redor dos mesmos, o jornalismo sensacionalista só irá crescer. Esse gênero jornalístico é responsável por representar tudo de uma maneira mais fácil de entender e consumir. Com o espetáculo feito pelo jornalismo sensacionalista, não há como competir. O fato noticiado mostra tudo àquilo que a população quer ver.

Os veículos midiáticos são autoridades reconhecidas e legitimadas pela sociedade. A credibilidade do jornalismo é um fator importante para que a população continue acreditando em todos os fatos que estão assistindo. Portanto, o jornalismo sensacionalista, por despertar sensações diversas nas pessoas, apresenta uma imagem negativa da prática jornalística para a sociedade, mobilizando, muitas vezes, a população inteira ao redor de um espetáculo que foi criado.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

Livros:

AMARAL, Márcia Franz. **Jornalismo Popular**. São Paulo: Contexto, 2006.

ANGRIMANI, Danilo. **Espreme que sai sangue: um estudo do sensacionalismo na imprensa**. Volume 47. São Paulo: Summus, 1995.

MENEZES, Francisco. **A comunicação, o social e o poder: cultura, complexidade e tolerância**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

SILVA, Juremir Machado. **A miséria do jornalismo Brasileiro: as incertezas da mídia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo: A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional**. Vol. 2. Florianópolis: Insular, 2005.

Internet:

<http://g1.globo.com/Noticias/SaoPaulo/0,,MUL386739-5605,00.html>

Acesso em: 28 de outubro de 2009.

<http://jornalnacional.globo.com/Telejornais/JN/0,,MUL579081-10406,00-MENINA+MORRE+AO+CAIR+DE+PREDIO.html>

Acesso em: 28 de outubro de 2009.

<http://jornalnacional.globo.com/Telejornais/JN/0,,MUL579113-10406,00-INTERPRETACOES+DIFERENTES.html>

Acesso em 29 de outubro de 2009.

<http://jornalnacional.globo.com/Telejornais/JN/0,,MUL579135-10406,00-PRISAO+PARA+PAI+E+MADRASTA+DE+ISABELLA.html>

Acesso em 30 de outubro de 2009.